

Os espaços de coworking e suas implicações na dinâmica urbana: estudo de caso de Florianópolis

RESUMO

Na esteira dos processos observados em economias urbanas nas quais as principais atividades advêm das economias de inovação, conhecimento e criatividade, verifica-se a ascensão de uma modalidade de trabalho baseada no compartilhamento de endereço, infraestrutura e amenidades comerciais: os espaços de coworking. A relação de tais espaços – cujo surgimento é consensualmente estabelecido a menos de duas décadas nos contextos estadunidense e europeu – com a organização espacial do local em que se inserem tem sido recentemente elaborada na literatura internacional, embora pouco se conheça sobre esse debate no contexto brasileiro. Assim, este artigo intenta situar essa discussão a partir de um estudo de caso na cidade de Florianópolis, cujo desenvolvimento econômico recente tem sido largamente atribuído à economia da inovação, notadamente através das tecnologias de informação e comunicação, assim como à economia criativa. Foram realizadas 9 entrevistas semiestruturadas com sócios e gestores de 11 dos 37 espaços de coworking da cidade, com o objetivo de compreender a motivação e o perfil dos responsáveis pela gestão dos espaços de coworking, bem como aspectos operacionais de seu funcionamento, e ainda capturar o ponto de vista dos entrevistados em relação à interação do espaço com o entorno no qual está inserido. Os resultados sugerem três evidências em relação às práticas espaciais decorridas da disseminação dos espaços de coworking em Florianópolis: (i) seletividade espacial; (ii) habitabilidade compacta; e (iii) refuncionalização do espaço material.

PALAVRAS-CHAVE: Coworking. Economia da Inovação. Economia Criativa. Práticas Espaciais. Florianópolis.

Emmanuel dos Santos Costa
Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis. Santa Catarina. Brasil.

Vera Lúcia Nehls Dias
Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis. Santa Catarina. Brasil.

1 INTRODUÇÃO

Na iminência da virada da segunda para a terceira década do Século XXI, observa-se uma miríade cada vez mais complexa de relações sociais, econômicas e culturais materializadas no espaço urbano, sobretudo à luz da indelével transição de parte das economias urbanas de base industrial ou de serviços para outra, cuja sustentação tem sido atribuída às atividades produtivas envolvendo criatividade (FLORIDA, 2003; 2014), conhecimento (SCOTT, 2014) e inovação (FELDMAN e AUDRETSCH, 1998). No entanto, até o presente momento pouco tem se debatido sobre a organização espacial dessa demanda produtiva no campo do planejamento urbano e regional brasileiro. Discussões semelhantes, contudo, são identificadas em outros campos, à exemplo da Engenharia e Gestão do Conhecimento. Isso pode ser verificado no estado da arte de um debate que oferece uma tipologia dos espaços nos quais se dão tais relações, cuja conceituação é pouco usual a planejadores, porém amplamente assimilada entre os pares dessas indústrias: os habitats de inovação, compreendidos como “espaços diferenciados, propícios para que as inovações ocorram, pois são lócus de compartilhamento de informações e conhecimento, formando networking, e permitem minimizar os riscos e maximizar os resultados associados aos negócios” (TEIXEIRA et al., 2019).

Tais habitats são constituídos por uma série de espaços distintos em relação ao seu propósito produtivo ou organizacional, como parques tecnológicos, núcleos de inovação tecnológica, incubadoras de empresas tecnológicas iniciantes, espaços compartilhados de trabalho – conhecidos como espaços de coworking, dentre outros. Sem embargo, é precisamente a respeito deste último que o presente artigo visa apontar, de maneira exploratória, contribuições à literatura de estudos urbanos sobre a apreensão das atividades inseridas na economia do conhecimento (VINODRAI, 2006) e suas práticas espaciais. Em outras palavras, a tarefa reside em lançar luz a um dos tipos de habitats de inovação a partir de um olhar efetivamente voltado à espacialidade enquanto o objeto de partida, e não o meio através do qual se desenvolvem as atividades propulsoras da reestruturação urbana no Século atual.

Para tanto, apresenta-se um estudo de caso cujo pano de fundo trata da emergência dos espaços de coworking em Florianópolis, uma capital estadual que, embora reconhecida historicamente pelo turismo e funcionalismo público como principais atividades econômicas, tem despontado nos últimos anos como protagonista nacional na economia da inovação – sobretudo através do setor de tecnologias da informação e comunicação (TIC) – e mais recentemente, também na economia criativa. Assim, o artigo é composto por uma revisão temática acerca do estado da arte sobre espaços de coworking, detalhamento dos métodos utilizados na pesquisa e apresentação do estudo de caso, conduzido a partir de 9 entrevistas realizadas com gestores de 11 espaços em Florianópolis, entre os meses de novembro e dezembro de 2019. Essas entrevistas objetivaram conhecer as motivações da criação desses espaços, o perfil dos gestores e os pontos de vista destes em relação à maneira como os espaços de coworking estão inseridos no seu entorno e dialogam com a dinâmica urbana. Os resultados das entrevistas sugerem três evidências em relação às práticas espaciais decorridas da disseminação dos espaços de coworking em Florianópolis: (i) seletividade espacial; (ii) habitabilidade compacta; e (iii) refuncionalização do espaço material.

2 ESPAÇOS DE COWORKING: GÊNESE E ABORDAGENS CORRENTES

A despeito de serem formulados à luz de um (esperado) viés produtivista, os habitats de inovação oferecem uma conceituação não muito distante do que os arquitetos entendem por ambiente construído e geógrafos, como Souza (2013), chamam de substrato espacial material, isto é, “o efetivo fulcro dos trabalhos dos geógrafos: o espaço geográfico na sua materialidade (SOUZA, 2013, p. 63). Na esteira desse entendimento, os espaços de coworking (doravante, assinalado sem itálico) destacam-se por sua rápida proliferação no tecido urbano: dados atualizados do setor afirmam que até 2018 foram registrados, em nível mundial, 18.700 espaços de coworking que movimentaram em média 1,5 milhões de pessoas por ano (DESKMAG, 2019). No Brasil, outro levantamento realizado sobre espaços de coworking, por sua vez, estimou esses números em aproximadamente 1.200 espaços de coworking com circulação de 214 mil profissionais no ano de 2017 (COWORKING BRASIL, 2018).

Mas no que consistem esses espaços? A aglutinação do prefixo Co e da palavra working (que significa trabalhando, em inglês) remetem, inicialmente, à ideia de estar trabalhando junto, ou seja, a um ambiente profissional no qual a ação prática do trabalho, o estar trabalhando de fato, se dê conjuntamente entre várias pessoas. Assim, o espaço de coworking se caracteriza a priori como um espaço materializado no qual profissionais frequentemente ligados a atividades econômicas frouxamente descritas como “criativas”, “do conhecimento”, “culturais” ou “inovadoras”, porém sem relação laboral entre si, compartilham, mediante pagamento de diárias ou mensalidades, infraestrutura e amenidades típicas de escritório, tanto em seus aspectos formais, quanto informais. A esse respeito, no primeiro caso trata-se de instalações e serviços básicos, tais como mobiliário de escritório, sala de reuniões, guarda volumes, cozinha, luz, água, internet, etc. Por outro lado, os aspectos informais são relativos aos sentidos de comunidades e de sociabilidades desenvolvidos por e entre esses trabalhadores – chamados coworkers – como, por exemplo, atividades integrativas visando expansão da rede pessoal de contatos profissionais, troca de saberes e experiências, etc. (SPINUZZI, 2012; CAPDEVILA, 2013; GARRETT et. al, 2014; MORISET, 2014; GANDINI, 2015; MERKEL, 2015).

Em relação à sua recente gênese, a teorização sobre os espaços de coworking adotou como marco zero conceitual a abertura do primeiro coworking “oficial” em San Francisco (EUA), no ano de 2005 (SPINUZZI, 2012; GANDINI, 2015; PARRINO, 2015; BROWN, 2017). Nos anos seguintes verificou-se uma rápida pulverização desses espaços em cidades como Nova York, Londres, Milão e Berlim, e daí em diante para cidades de todas as ordens populacionais, econômicas e geográficas (BLAGOEV et. al, 2019). A emergência desses espaços ganhou a atenção de estudiosos urbanos, sobretudo na América do Norte (anglófona e francófona) e na Europa. Em função de ser tema recente, há certa incipiência quantitativa em relação a pesquisas cujo propósito seja o de apreender as maneiras pelas quais esses espaços refletem e condicionam a organização espacial das cidades nas quais estão inseridos. O que não significa, no entanto, que os estudos já empreendidos nessa esteira sejam, em si, embrionários. Pelo contrário, verificou-se um número crescente de pesquisadores que vêm desenvolvendo o debate junto ao estado da arte da literatura global sobre as geografias econômicas da inovação e seus decorrentes processos contemporâneos de reestruturação urbana.

A discussão de Capdevila (2013) a partir da emergência de espaços de coworking em Barcelona é uma das pioneiras nesse sentido. O autor recupera uma tese da geografia econômica e regional dos anos 1990 de que o sucesso competitivo de um cluster – termo anglófono para designar arranjos produtivos baseados em economias de aglomeração de escala regional (macro) e local (meso) – pode ser mensurado pela sua capacidade de produzir dinâmicas para compartilhamento interno de informação e conhecimento, à medida que essa prática gera relações sociais coesas e constrói confiança entre os atores envolvidos, por fim estimulando a cooperação e o avanço estratégico da inovação. Capdevila amplia essa noção para considerá-la também em sua escala micro, isto é, referente aos atores individuais – empreendedores, freelancers e profissionais independentes – que operam em um dado cluster. Sugere, portanto, a ascensão dos espaços de coworking como microclusters, ou seja, enquanto territórios nos quais esses atores colaboram para criar e compartilhar conhecimento (CAPDEVILA, 2013). Mais recentemente, o autor desdobrou essa discussão em outros trabalhos que compreendem os espaços de coworking como um dos tipos possíveis de comunidades do conhecimento e de espaços colaborativos. Em relação às comunidades do conhecimento, para além da proximidade geográfica intrínseca à atividade econômica de aglomeração, o autor acrescenta a noção de proximidade cognitiva – que resumidamente diz respeito a formação de comunidades cujo elemento de vínculo não é necessariamente geográfico, podendo ser estabelecido também através de relações interpessoais e virtuais – como propulsora de motivações e consequências locais e globais para esses espaços. (CAPDEVILA, 2017). Por outro lado, essas comunidades também podem ser compreendidas enquanto espaços físicos nos quais predomina a cultura de abertura e de colaboração acerca do compartilhamento de conhecimento, também sendo, portanto, espaços colaborativos (CAPDEVILA, 2018).

Outra leitura sobre os espaços de coworking realizada à luz da temática espacial é a de Moriset (2014). Sem empreender estudo de caso, sua preocupação foi situar a ascensão desses espaços em um contexto conceitual mais amplo, recorrendo às literaturas sobre Economia Criativa e Digitalização da Economia, a partir das quais, de acordo com o autor, verificou-se profundas mudanças no padrão da produção do espaço urbano. Nesse sentido, tais mudanças se materializaram quando trabalhadores, sobretudo autônomos, a fim de romper com a solidão do trabalho à domicílio e gerar oportunidades de encontros entre si, criaram um tipo de espaço de trabalho semelhante aos ‘Terceiros Lugares’ – conceito emprestado pelo autor da sociologia estadunidense para designar espaços híbridos de sociabilização, como cafés, restaurantes, etc. Dessa maneira, a popularização do Coworking se deu mundialmente, embora mais concentrada nas, assim chamadas, Cidades Criativas dos países centrais, muitas vezes incorporadas também a projetos público-privados de redesenvolvimento urbano. Contudo, o autor salienta que, do ponto de vista mercadológico e imobiliário, não há como assegurar o potencial escalável e lucrativo desse tipo de empreendimento que, somado ao constante flerte do trabalho freelancer com a precariedade das relações de trabalho, deixa incerto o futuro desses espaços (MORISSET, 2014).

Seguindo uma linha semelhante, embora ainda mais crítica, para Merkel (2015; 2018) a função urbana dos espaços de coworking se dão, por um lado, como prática de auto-organização dos trabalhadores independentes das indústrias criativa e cultural, sobretudo os freelancers, frente às mudanças estruturais do mercado de trabalho, tais como falta de provisão sobre direitos trabalhistas,

desregulação da economia, etc.; e, por outro lado, como prática emancipatória das políticas neoliberais de isolamento do indivíduo, à medida que viabilizam um ambiente onde profissionais independentes podem interagir e compartilhar desafios semelhantes e fortalecer suas redes ao invés de prestarem-se ao confinamento compulsório do trabalho à domicílio (MERKEL, 2015). Todavia, ao olhar empiricamente para esses espaços em cidades como Berlim, Nova York e Londres a partir da perspectiva da informalidade, a autora também constatou que a subsunção do coworking como prática de trabalhadores cooptou a própria forma de auto-organização dos mesmos em um discurso empreendedor, autorregulado e incorporado por agendas governamentais, como parte de suas estratégias de reestruturação urbana (MERKEL, 2018).

Para além da análise nas – assim chamadas – cidades globais, dois estudos voltaram-se à investigação de como se dá a integração dos espaços de coworking à dinâmica de produção espacial em cidades médias e pequenas, a partir de um estudo de caso em sete cidades da província canadense de Ontário (JAMAL, 2017) e outro em nove cidades médias e pequenas no sudeste da Inglaterra e norte da França (BROWN, 2017). A respeito do primeiro, ele se concentrou menos nas contradições e pontos críticos do debate e mais no mapeamento das medidas pelas quais os espaços de coworking podem servir como estímulos ao empreendedorismo local, contribuindo assim para o que o autor chama de revitalização sustentável dos centros urbanos de cidades médias. (JAMAL, 2017). Por sua vez, o estudo empírico de Brown (2017) apontou que, efetivamente, os coworkers consideram esses espaços como um ambiente favorável ao trabalho independente. Isso ocorre porque, em suas práticas, eles conseguem materializar a separação física e mental entre vida doméstica e profissional – validada também pela percepção de que a produtividade nesse modelo de trabalho é maior do que na modalidade à domicílio. Além disso, confirmam a tese de que a pertença a uma comunidade profissional de semelhantes também é uma motivação, embora o fator econômico não seja tão atrativo, pois implica em custos adicionais em relação aos escritórios-casa, tempo de deslocamento e etc. Contudo, a autora é cética quanto à crença nos espaços de coworking como ferramentas da transformação urbana local, por dois motivos. Em primeiro lugar, porque atrair membros suficiente para garantir tanto da sustentabilidade financeira do próprio espaço quanto dos benefícios comunitários é um desafio em cidades menores. Em função disso, há uma tendência dos espaços de coworking buscarem se localizar em áreas centrais ou estratégicas da cidade, o que pode impactar negativamente a vitalidade de bairros que perdem as atividades sediadas domesticamente. Em segundo lugar, há poucos indícios de que os benefícios do coworking se estendam para além de sua comunidade imediata – isto é, dos coworkers – apesar de o engajamento da comunidade coworking com o seu entorno ser frequentemente mencionado como missão organizacional desses espaços. Segundo a autora, isso pode gerar tensões materializadas com a própria vizinhança, à medida que os espaços de coworking, ao atraírem negócios e pessoas de fora do local, enfraquecem os laços e as oportunidades de engajamento com o próprio entorno (BROWN, 2017).

Em suma, a jovem literatura a respeito da inter-relação entre espaços de coworking e a organização espacial das cidades pode ser apreendida a partir de duas abordagens generalizantes. Uma, ao que tudo indica, embebida em argumentos simpáticos ao discurso empreendedor que, por um lado, institucionaliza as práticas de trabalho dos freelancers e profissionais autônomos

como trunfo dos espaços de coworking no processo de reestruturação urbana para a economia do conhecimento; e, por outro lado, delegam a esses espaços função estratégica na otimização das atividades produtivas dos clusters regionais de inovação. A segunda linha, sem ignorar por completo a contribuição da primeira e entendendo os espaços de coworking como resultantes do processo de auto-organização de trabalhadores independentes, intenta verificar, criticamente, os limites e consequências tanto da modalidade independente de trabalho e sua estruturação em torno de uma comunidade materialmente estabelecida, como a maneira pela qual se dá a interação com o espaço urbano no qual se inserem.

Com base nessas reflexões, o objetivo é explorar as maneiras pelas quais a emergência dos espaços de coworking se articulam à dinâmica urbana em um contexto brasileiro. Para tanto, apresenta-se um estudo de caso em Florianópolis, cidade de crescente protagonismo no cenário produtivo das economias de inovação e criativa nacional, constituindo um relevante cenário para análise das questões em tela.

3 MÉTODOS

Foi realizado mapeamento dos espaços de coworking existentes no município de Florianópolis. Tal levantamento iniciou-se pela classificação desses espaços segundo Teixeira et. al (2019), que apontou para 32 espaços de coworking em atividade. Para triangular esse número, compilou-se lista própria dos espaços de coworking em Florianópolis através de fontes secundárias, como websites e redes sociais relacionados ao setor e o censo Coworking Brasil – que indicou a existência de 30 espaços (COWORKING BRASIL, 2018) na cidade. A contagem final deste artigo aponta para a existência de 37 espaços de coworking com presença virtual ativa (ou seja: horário de funcionamento disponível na internet, website próprio no ar, perfis ativos no Facebook e Instagram) até o mês de novembro de 2019.

Finalmente, visando averiguar como esses espaços inserem-se e dialogam com a dinâmica urbana, foram conduzidas 9 entrevistas semiestruturadas com gestores e sócios proprietários de espaços de coworking, correspondendo a uma amostragem representativa de 11 espaços dos 37 espaços mapeados. As entrevistas tiveram os seguintes objetivos: coletar informações referentes à motivação para criação do espaço de coworking e aspectos operacionais de seu funcionamento, traçar o perfil dos responsáveis pela gestão dos espaços, e capturar o ponto de vista dos entrevistados em relação à interação do espaço de coworking com o entorno geográfico no qual está inserido. Todas as entrevistas foram codificadas indutivamente através do uso do software Atlas.ti.

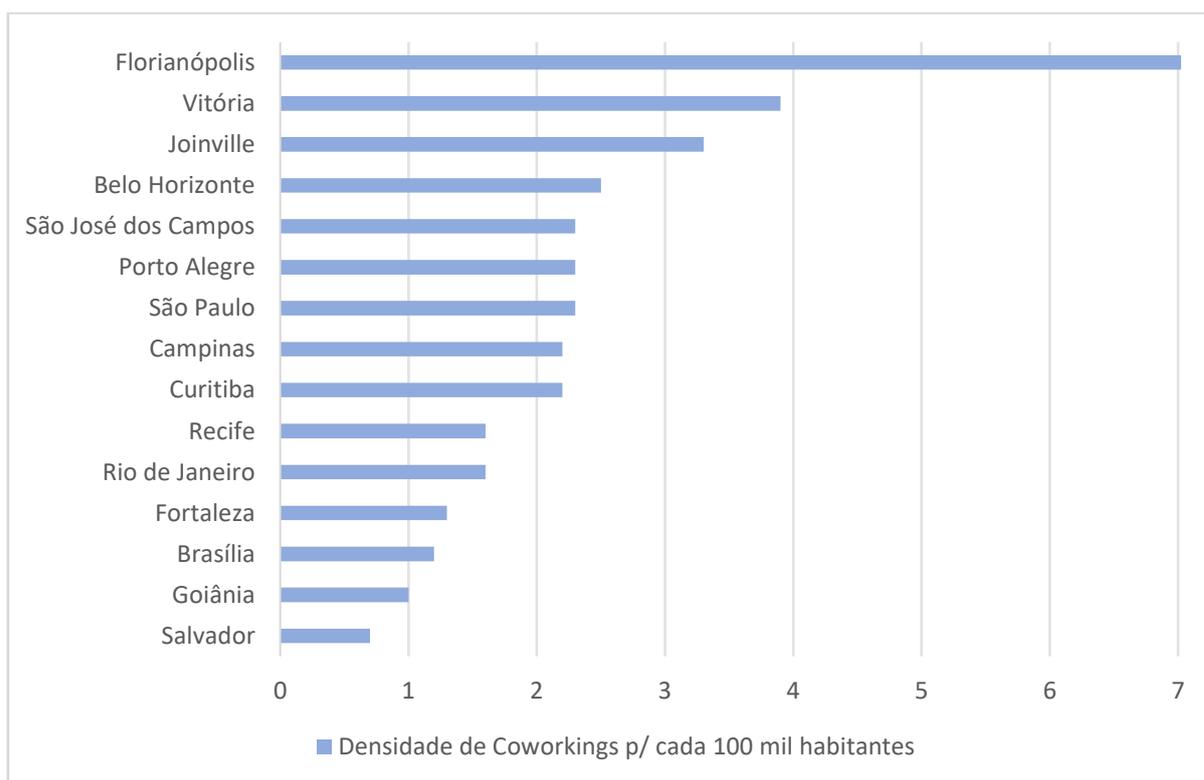
4 ESTUDO DE CASO

Apesar de ainda residir no imaginário do brasileiro médio como destino desejável de veraneio, Florianópolis tem apresentado um protagonismo econômico recente que pode ser medido para além do turismo. Ao longo das últimas décadas, a capital catarinense tem sido reconhecida, entre outras coisas, como uma das dez cidades mais dinâmicas do mundo para fazer negócios (NEWSWEEK, 2006), segunda melhor cidade do país para o empreendedorismo (ENDEAVOR, 2017) e ainda como uma das cidades que compõem um seletivo grupo

com a chancela de “Cidade Criativa” da UNESCO (UNESCO, s/d). De fato, há números corroborando com essa tendência: um estudo da Associação Catarinense de Tecnologia – ACATE (2018) revelou que empresas do setor tecnológico baseadas na cidade faturaram 4,5 bilhões de reais entre 2015 e 2017. Tais números a credenciam como 1º polo nacional do setor em densidade de trabalhadores (2.552 trabalhadores para cada 100 mil habitantes), 2º em densidade de empresas por habitantes (541 empresas para cada 100 mil habitantes) e 2º em densidade de empreendedores por habitantes (750 empreendedores para cada 100 mil habitantes). Em nível estadual, isso corresponde a uma concentração, apenas na área metropolitana, de 75% de empreendedores e 80% dos empregos gerados nessa indústria (ACATE, 2018).

A densidade de espaços nos quais essas atividades ocorrem – os habitats de inovação – segue lógica parecida. Especificamente, em relação às 15 cidades com maior número de espaços de coworking registrados no censo Coworking Brasil (COWORKING BRASIL, 2018), Florianópolis se destaca pela maior densidade do país: 7 espaços de coworking para cada 100 mil habitantes, conforme indicado na Figura 1. Essa estimativa equivale minimamente ao dobro ou triplo das demais cidades consideradas nesse censo de coworkings.

Figura 1: densidade de espaços de coworking por cada 100 mil habitantes.

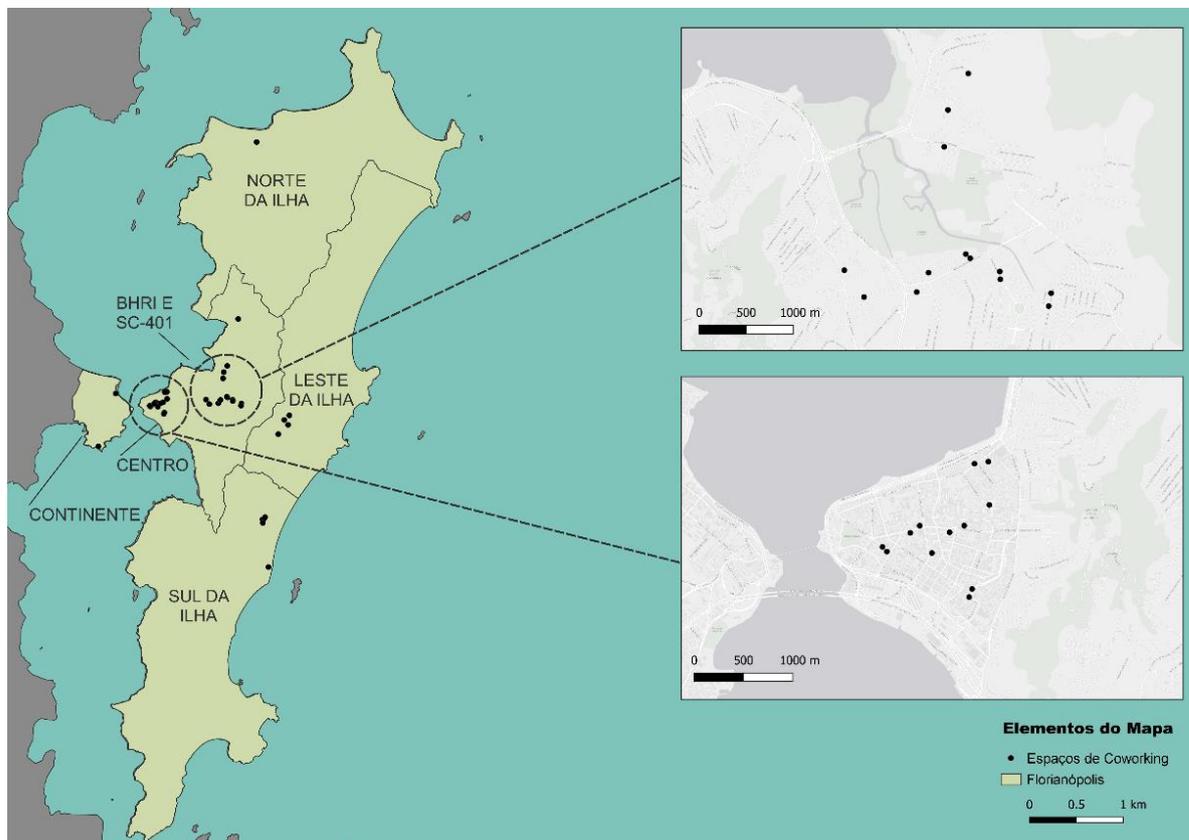


Elaboração dos autores. Fonte: adaptado de COWORKING BRASIL (2018), IBGE (2019) e TEIXEIRA et. al (2018).

Essa flagrante concentração de espaços, demasiadamente acima da média nacional, ratifica Florianópolis como pano de fundo convincente para a investigação de quais tipos de práticas espaciais emergem a partir do coworking, enquanto espaços nos quais desenvolvem-se atividades ligadas às economia de inovação e criativa. Nesse sentido, os 37 espaços de coworking mapeados distribuem-se em 6 diferentes áreas da cidade, sendo uma na parte continental –

contendo dois espaços de coworking – e as demais na porção insular: Região da Bacia Hidrográfica do Rio Itacorubi (BHRI)¹ – 13 espaços; Centro – 12 espaços; Sul da Ilha – 4 espaços; Leste da Ilha – 4 espaços; Norte da Ilha – 1 espaço e região da Rodovia SC-401 – 1 espaço.

Figura 2: mapa de localização dos espaços de coworking em Florianópolis.



Fonte: elaboração dos autores

A fim de verificar em profundidade essas questões, foram realizadas 9 entrevistas semiestruturadas com profissionais responsáveis pela gestão de 11 dos 37 espaços de coworking, quer seja em posição de sócios proprietários ou de funcionários, conforme resumido na tabela 1. Todas as pessoas entrevistadas são responsáveis pela gestão do espaço e/ou interface diária com os coworkers e possuem graduação completa (ou data prevista para tal). Tendem a se reconhecer a partir de seus próprios cargos – gerentes, diretores, etc. – com exceção dos que operam como empresa familiar, onde não se verificou uma divisão bem definida das funções. A idade média dos respondentes é de 31,7 anos e houve leve predominância de entrevistadas mulheres (6) em contraste a homens (4).

¹ Essa região corresponde especificamente aos bairros Itacorubi, Trindade, Santa Mônica e Córrego Grande.

Tabela 1: perfil das pessoas entrevistadas

	Sexo	Idade	Formação	Sócia	Função no Coworking
R1	Feminino	27	Graduação	Não	Coordenadora de Comunidades
R2	Feminino	39	Graduação	Não	Assistente Comercial
R3	Masculino	38	MBA	Sim	Gestor de Comunidades
R4	Masculino	28	Graduação	Não	Gerente de Comunidade
R5	Masculino	38	Especialista	Sim	Diretor Operacional
R6	Feminino	45	Graduação	Sim	Não atribuída
R7	Masculino	30	Graduação	Sim	Gerente de Operações
R8	Feminino	24 e 23	Graduação	Sim	Não atribuída
R9	Feminino	25	Graduação	Não	Administrativo

Fonte: elaboração dos autores.

O restante dessa seção apresenta os dados das entrevistas, explorando três frentes específicas a partir das quais é possível refletir sobre o papel que os espaços de coworking desempenham na dinâmica urbana: (i) seletividade espacial; (ii) habitabilidade compacta; e (iii) refuncionalização do espaço material.

4.1 Seletividade espacial: a localização como matéria-prima dos Coworkings

Ao estudar a gestão do território sob o prisma das grandes corporações, Roberto Lobato Corrêa classificou a seletividade espacial como a prática empresarial relativa à decisão de onde se localizar geograficamente, de acordo com atributos de interesse como proximidade de matérias-primas, mão-de-obra disponível, presença portuária, etc. (CORRÊA, 1992). Para o caso dos espaços de coworking em Florianópolis, embora não se trate de grandes corporações e nem tampouco de atividade ligada ao setor produtivo, a decisão da localização também constitui um atributo de interesse, curiosamente relacionado à própria localização em si. Quando perguntado sobre os aspectos cruciais para o sucesso de um espaço de coworking, um dos entrevistados respondeu que o primeiro ponto é a localização do espaço: “Se você fizer um coworking, sei lá, na Praia da Daniela², você vai ter bastante problema. Você tem que estar onde tem gente. E se você mapear os coworkings, vai ver que é algo que acontece, então a localização é o primeiro ponto”.

De fato, a figura 2 indica que aproximadamente dois terços dos espaços em Florianópolis concentram-se em duas das regiões de maior densidade populacional da ilha. Na BHRI, por exemplo, onde verifica-se o maior número de espaços, a presença das universidades federal (com dois campi) e estadual na vizinhança é tida pelos espaços de coworking da região como trunfo. Trata-se de um interesse que reside tanto no fato da universidade ser o principal celeiro de empreendedores e profissionais ligados às economias de inovação e criativa

²A Daniela é um bairro balneável de baixa densidade, localizado no extremo noroeste da parte insular de Florianópolis. Foi utilizada como exemplo porque fica 30km distante do centro, é acessível apenas por uma estrada de mão única e é conhecida por ser um dos poucos lugares na cidade que, na baixa temporada, ainda mantém uma dinâmica pacata e quase exclusivamente residencial, com oferta de comércio e serviços demasiadamente escassa.

(menos no sentido de constituir mão-de-obra qualificada e mais por serem o público-alvo dos espaços de coworking), como no potencial de retenção das pessoas que vem de fora para estudar, trabalhar ou empreender. De acordo com o sócio proprietário de um coworking dessa região: “tem muita mão de obra, e vem ela muito de fora, eu acho. Bastante gente de fora que vem pra cá porque sabe aqui é um centro de inovação, que tem mercado de trabalho, que é Floripa”. Na mesma linha, o sócio proprietário de outro espaço de coworking próximo corroborou a impressão de que a região consegue atrair e reter mão de obra de fora, principalmente em função das universidades:

O espaço mais inovativo que a gente tem hoje em dia é a faculdade. E como a gente está no meio das duas faculdades dessa região, o que acontece? Tem gente de fora. O cara veio fazer faculdade e onde ele vem morar? Perto da faculdade. O que acontece quando ele se forma? Ele fica aqui. Ele procura locais próximos à faculdade, porque está acostumado, porque conhece a galera... E isso criou que a gente tem muito estudante. Algumas empresas que estão aqui tem muitos universitários.

Por outro lado, para além da suposta obviedade, o centro de Florianópolis não funciona apenas como principal centralidade do município, mas de toda região metropolitana. Por conta disso, os respondentes dos espaços localizados na área central da cidade espelharam, em larga medida, a essência do argumento locacional dos entrevistados da BHRI. Desde a maior oferta de equipamentos e serviços à acessibilidade para outras regiões da cidade, ou da vantagem geográfica à proximidade com os bairros localizados na parte continental, as entrevistas indicam um consenso – inclusive entre respondentes de outras regiões – que a influência do centro na dinâmica intraurbana de Florianópolis faz com que essa seja uma região de localização privilegiada, que favorece esse tipo de empreendimento. “A gente tá numa das melhores localizações, se não a melhor da cidade. Então a gente sabe que aqui é outro tipo de público” – argumentou a gestora de comunidade de um espaço de coworking da região.

A seletividade espacial desempenha um importante papel na decisão locacional de empreendedores. No caso dos espaços de coworking, contudo, isso se dá menos em função de interesses produtivos e mais por conta de atributos atrativos decorrentes da própria localização, como infraestrutura urbana disponível, fluxos, densidade populacional e centralidade. No entanto, à medida que os espaços de coworking limitam-se a uma prestação de serviços cuja matéria-prima é sua própria localização, esse sucesso desejável fica condicionado a um grau ainda mais refinado da especialização do trabalho. Ou seja, embora a oferta de compartilhamento de espaços soe atrativa a profissionais inovativos e criativos, sua decisão locacional, apenas, não é suficiente para sustentar a densidade desse tipo de empreendimento.

4.2 Vida concentrada? Coworkings e o modelo de habitabilidade compacta

Os espaços de coworking se constituem como locais em que é proporcionado o compartilhamento de infraestrutura comercial, sobretudo em localizações estratégicas da cidade. Entretanto, se o contexto locacional não esgota as formas de interação desses espaços com a dinâmica urbana, as entrevistas indicam que a partir dele é possível inferir outro atributo de interesse aos promotores dessa

modalidade de prestação de serviço: a ideia da habitabilidade compacta. Em outras palavras, os espaços de coworking, para além da seletividade espacial, frequentemente se anunciam como adaptáveis à dinâmica do entorno no qual estão inseridos. Segundo um sócio proprietário entrevistado, essa perspectiva já foi, inclusive, apreendida pela elite imobiliária local, que vê com bons olhos a atração desse tipo de uso para seus empreendimentos:

Não que eles estejam montando um espaço de coworking dentro do espaço deles. Eles querem, na verdade, o coworking no térreo do empreendimento deles, porque traz vida, dinamiza o lugar, entendeu? Já foram dois construtores grandes de Florianópolis que me procuraram para discutir isso.

Contudo, diferentemente do desafio apontado por Brown (2017) sobre a tendência (e necessidade) de coworkings em cidades pequenas e médias atraírem negócios de fora do bairro, os respondentes, em sua maioria, afirmam investir na atração de um público-alvo que não apenas reside na vizinhança, como também busca uma qualidade de vida nesse sentido. Por exemplo, um gestor de comunidade explicou se tratar de uma visão estratégica do negócio:

O nosso modelo foi pensado para ter uma relação legal com o bairro. A gente começou a pesquisar modelos internacionais para fazer o Coworking, então “Ah, vamos ver como é em Nova York, na Inglaterra...” só que pesquisando a gente viu que não faz sentido. O brasileiro não é americano e nem inglês. Então, cancela. O melhor local pra gente procurar, que é muito parecido com Floripa, porque é difícil de mobilidade e as coisas são meio longe: São Paulo. A gente foi até lá e viu que as pessoas procuram ficar no Coworking que está no seu bairro. A pessoa não quer se locomover. Por isso que a gente sempre fala que o Coworking tem que ser uma coisa que está no seu caminho.

O mesmo entrevistado ainda afirmou encorajar clientes e prospectos a adotarem este fator como o preponderante na hora de escolher um coworking para trabalhar, mesmo que custe a perda de um contrato. Segundo ele, é prejudicial para o próprio negócio, porque “você pega trânsito, já chega aqui irritado, aí não tem café e você já fica ‘esse lugar é uma m...’, tem que ser uma coisa prática, porque o objetivo é te tirar do trânsito, melhorar tua qualidade de vida”.

A problemática da mobilidade urbana foi assunto unânime entre os respondentes. Todavia, as entrevistas revelaram a existência de um hiato entre a preocupação com o tema e o comportamento ativo na busca por soluções a essa demanda. Dos espaços entrevistados, por exemplo, apenas quatro deles disponibilizam bicicletário – dois dos quais oferecendo também infraestrutura com chuveiro. Outra respondente ainda afirmou fazer parte da cultura do seu espaço de coworking a utilização de um aplicativo de trânsito no qual motoristas e passageiros podem habilitar uma opção de carona e se conectarem a partir de rotas em comuns. Entretanto, com exceção de uma única respondente, não foi identificada nenhuma política institucional voltada a fomentar efetivamente formas alternativas de mobilidade. Inclusive, alguns dos sócios proprietários que responderam à pesquisa assumiram isso como falha de suas próprias gestões, pontuando que estão trabalhando o tema no planejamento estratégico do próximo ano. Por outro lado, a prioridade de adequação à necessidade de quem utiliza carro mostra-se inversamente proporcional: 9 dos 11 espaços estudados

possuem estacionamento próprio ou algum tipo de convênio com estacionamentos privados. Curiosamente, quando perguntada sobre a relação do seu espaço de coworking com a mobilidade no entorno, uma respondente disse: “Eu estou sempre buscando parcerias com estacionamento, flexibilizar isso, facilitar para o nosso cliente e baratear um pouquinho o custo dele”.

Malgrado a dependência do automóvel ser uma temática particularmente sensível à Florianópolis, ressalta-se a existência de uma pré-disposição dos espaços no fomento de uma conexão com o seu entorno. Inclusive, para além do ambiente privado: dois coworkings visitados também oferecem área aberta ao público com cafés e garantem que qualquer pessoa pode utilizar esse espaço sem, necessariamente, fazer consumo. “Obviamente, a gente espera que a pessoa faça um consumo, porque precisamos pagar a conta, né?”, ponderou o gestor de um dos espaços.

4.3 Refuncionalização do espaço material: um hotel para empresas

Os espaços de coworking tendem a estar localizados estrategicamente em relação à centralidade, densidade e fluxo do público-alvo. Ao mesmo tempo, buscam (embora menos na prática do que no discurso) se posicionar no mercado oferecendo uma ideia de melhor qualidade de vida a partir da viabilização da moradia e do trabalho no mesmo bairro ou região da cidade. Contudo, para os entrevistados o que mantém um sujeito no coworking é a satisfação da experiência. Perguntados se a prioridade seria garantir um ambiente de trabalho satisfatório ou promover troca e conexão entre os clientes para construir uma comunidade coesa e gerar novos negócios e oportunidades, a resposta foi unânime: as duas coisas são fundamentais, mas o bem-estar dos coworkers está sempre em primeiro lugar, como afirma um gestor: “Se eu não tenho a internet funcionando, banheiros limpos, água no filtro, café... Ninguém vai se comunicar com ninguém”.

Sem embargo, a experiência do usuário vai além de boa localização e provisão da infraestrutura básica. Trata-se, efetivamente, de um constante processo de refuncionalização do espaço material, isto é, do “ajuste do substrato espacial material a novas necessidades, decorrentes de novas relações sociais [...] através de intervenções físicas mínimas, utilizando-se espaços preexistentes de uma maneira nova e criativa” (SOUZA, 2013, p. 252). As entrevistas revelam existir, basicamente, duas modalidades de trabalho em coworking: mesas compartilhadas – rotativas ou com assento fixo – e salas privativas, a serem locadas por hora avulsa, diária ou mensalidade. No entanto, cada coworking trabalha arranjos diferentes a partir dessas modalidades, sobretudo de acordo com as limitações físicas do espaço: “Não adianta engessar que não vai funcionar. “Ah, o meu pacote é esse”. Esquece, o teu pacote vai ser o que cliente determinar. Você vai fazer, claro, o que estiver dentro do teu alcance”, garantiu um entrevistado.

Essa flexibilidade sugere que, ao fim e ao cabo, a adesão aos espaços de coworking não se dá primordialmente em função do que a literatura tem indicado – criação e compartilhamento de conhecimento dentro de um cluster (CAPDEVILA, 2013), ruptura com a solidão do trabalho à domicílio (MORISSET, 2014) e forma de auto-organização de trabalhadores independentes (MERKEL, 2015). Não que tais motivações não sejam verificadas, entretanto, dentre os espaços visitados,

apenas dois trabalham exclusivamente com a modalidade de compartilhamento de mesa. Todos os demais possuem a opção de sala privativa. Trata-se de uma espécie de escritório particular dentro do escritório compartilhado, no qual empresas – variando entre 4 a 20 pessoas, conforme as respostas indicaram – compartilham as áreas comuns do coworking (recepção, banheiros, cozinha/copa e sala de reunião) mas possuem estações de trabalho isoladas por paredes ou, mais comumente, por vidros, no formato de “aquário”. Um dos entrevistados garante que a lucratividade do negócio advém dessa modalidade:

O cliente procura a palavra coworking, mas não é o que ele quer. Ele quer uma sala fixa, no formato de coworking, para a empresa dele. Tipo, nós dois somos colegas de trabalho e a gente não quer trabalhar misturado no povo. A gente quer ter um espacinho fechadinho para a gente trabalhar. Eu tenho as duas coisas, mas porque eu tenho que ter. Meu coletivo é fraquíssimo. Meu privativo que é o forte.

Todavia, os entrevistados não conseguem determinar as motivações dessa preferência. Para um sócio proprietário, trata-se, talvez, de uma questão cultural: “não sei se por causa do plano econômico ou do nosso histórico... O brasileiro tem esse negócio de ficar desconfiado de deixar as coisas, então ele quer ter o seu canto”. Ainda de acordo com ele, essa regra se aplica não só aos clientes privativos, como também aos independentes: “o pessoal da mesa fixa pediu pra gente uns furos na mesa para passar aquela corrente de notebook. Mas cara, tem câmera aqui. Nunca aconteceu nada, nunca ninguém roubou ou sumiu com nada... Mas o cliente pediu, a gente faz, né?”. Por outro lado, as sócias de um espaço de coworking de pequeno porte, que oferece apenas a modalidade de mesa compartilhada, indicam que, de fato, essa é uma limitação para fechar novos contratos, mas por outro motivo: “pela questão do barulho. Acaba que são 4 pessoas que discutem projetos e recebem muita ligação... então é pela privacidade e às vezes pela sensação de não querer estar incomodando. Alguns que nos procuraram já tiveram esse tipo de preocupação”.

Seja como for, essa constante demanda pela refuncionalização do espaço material acaba sendo reconvertida em mais flexibilidade para ajustar-se às necessidades dos coworkers. Para um dos entrevistados, esse é o diferencial competitivo em relação ao escritório tradicional: “ao invés de tu alugar uma sala e se preocupar que acabou o café, o ar condicionado estragou, a cadeira estragou, sabe? Aqui é foco no business total!”. Em função disso, todos os respondentes foram unânimes ao afirmar que o coworking não é uma moda, mas um espaço que reflete a realidade das novas dinâmicas de trabalho. “Veio para ficar, vai ser difícil regredir. Cada vez mais eu vejo empresas querendo vir para o coworking”, argumentou um entrevistado. Para o sócio de outro espaço, o desafio ainda é provar que o lado financeiro compensa o desapego do escritório próprio: “É muito difícil a gente perder um cliente depois que ele entra. Eu posso até perder para outro coworking, mas dificilmente perde, porque a estrutura realmente é bacana”.

Em suma, os dados sinalizam que sujeitos propensos a adotar o coworking como modelo de trabalho, quer sejam profissionais independentes ou empresas com funcionários, procuram esses espaços por dois motivos. Por um lado, em função da infraestrutura flexível e ambiente corporativo arrojado e agradável. No entanto, por outro lado – e principalmente – porque compreendem a modalidade coworking não como o lócus do compartilhamento de inovação e prospecção de

novos negócios, mas como oportunidade para terceirizar todas as rotinas administrativas da gestão de um escritório próprio, otimizando sua produtividade e ao mesmo tempo reduzindo custos operacionais. Nesse sentido, o papel dos gestores de espaços de coworking não poderia ser melhor resumido do que como o fez o proprietário de um espaço: “Às vezes as pessoas não entendem o que eu faço. Então eu digo o seguinte: eu sou como se fosse um hotel. Faço tudo o que um hotel faz. Só que ao invés de hospedar pessoas para dormir, eu hospedo empresas”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A profusão de espaços de coworking verificada em Florianópolis nos últimos anos coaduna com o tipo de desenvolvimento econômico em curso na cidade. Enquanto as estruturas tradicionais – como edifícios comerciais, centros executivos, imóveis residenciais convertidos em escritórios, etc. – continuam abrigando grande parte das atividades comerciais e de serviços também compreendidas em um sentido tradicional, outras revelam uma ascendente predisposição para readequação de suas funções a uma demanda cuja flexibilidade – e não a rotina – do processo é o fator imprescindível. No apagar das luzes da década que trouxe ao mundo as (assim chamadas) tecnologias disruptivas – como Uber e Airbnb – os espaços de coworking apresentam-se como candidatos a conduzir um tipo de disrupção igualmente notável, ainda que relativamente mais silenciosa: dos espaços de trabalho. Isso é particularmente relevante para refletir sobre a atualidade de dinâmicas urbanas atreladas à economia da inovação e economia criativa.

Este artigo partiu do estado da arte da literatura internacional sobre espaços de coworking no campo dos estudos urbanos para analisar em quais medidas essa modalidade compartilhada de trabalho pode ser compreendida também no contexto brasileiro. Viu-se que os coworkings constituem-se em espaços que, de fato, concentram profissionais – sobretudo, mas não exclusivamente – ligados à inovação, conhecimento e criatividade através do compartilhamento de endereço, infraestrutura e amenidades comerciais. No entanto, diferentemente do apontado na revisão temática, sua oferta é menos um produto resultante da solidariedade entre profissionais independentes sem local fixo de trabalho ou microclusters cuja função principal seja a de conectar agentes de um mesmo arranjo produtivo para criarem e compartilharem conhecimento, e mais o resultado de ambientes meticulosamente planejados e curados por terceiros para oferecer maior privacidade a seus usuários, com vistas a aumentar a produtividade e diminuir as distrações. Em decorrência dessas características, atributos geográficos como centralidade, densidade populacional, fluxo e infraestrutura urbana mostraram-se necessários ao desenvolvimento desse tipo de empreendimento.

Finalmente, este artigo não se pretende conclusivo à medida que seu objetivo foi exploratório, isto é, de situar uma discussão em andamento na literatura internacional, mas ainda relativamente subestimada no campo do planejamento urbano e regional brasileiro, a partir de estudo de caso qualitativo. Com base no exposto, deseja-se que as questões em tela se desdobrem em investigações futuras. Dentre algumas lacunas identificadas pela limitação do estudo, destaca-se as motivações sociais, culturais ou econômicas que diferenciam o contexto brasileiro do europeu e do norte-americano (considerando Estados Unidos e

Canadá), haja visto que o coworking é um modelo de trabalho oriundo desses lugares; a conformação desse debate em outras realidades urbanas, de diversas ordens populacionais, geográficas e econômicas, dentro do contexto brasileiro e latino-americano; e, mais abertamente, a inserção de outros tipos de habitats de inovação no milieu acadêmico voltado às questões do planejamento e desenvolvimento urbano e regional. Acredita-se que a produção de pesquisas futuras para esclarecer esses e outros temas adjacentes será de fundamental importância para uma leitura adequada e atualizada da influência dos processos econômicos relativos à inovação, criatividade e conhecimento nas dinâmicas urbanas contemporâneas.

Coworking spaces and their implications for urban dynamics: a case study in Florianópolis

ABSTRACT

In the wake of the processes observed in urban economies in which the main activities come from the economies of innovation, knowledge and creativity, there is the rise of a work modality based on the sharing of addresses, infrastructure and commercial amenities: coworking spaces. The relationship of such spaces - whose emergence is consensually established less than two decades in the American and European contexts - with the spatial organization of the place in which they operate has been recently elaborated in international literature, although little is known about this debate in the Brazilian context. Thus, this article intends to situate this discussion from a case study in the city of Florianópolis, whose recent economic development has been largely attributed to the economy of innovation, notably through information and communication technologies, as well as the creative economy. 9 semi-structured interviews were conducted with partners and managers from 11 of the 37 coworking spaces in the city, with the aim of understanding the motivation and profile of those responsible for the management of coworking spaces, as well as operational aspects of their operation, and also capturing the interviewees' point of view in relation to the interaction of the space with the environment in which it is inserted. The results suggest three evidences regarding the spatial practices resulting from the dissemination of coworking spaces in Florianópolis: (i) spatial selectivity; (ii) compact habitability; and (iii) re-functionalization of the material space.

KEY WORDS: Coworking. Economics of Innovation. Creative economy. Space Practices. Florianópolis.

REFERÊNCIAS

ACATE. Associação Catarinense de Tecnologia. Observatório Acate: Panorama do Setor de Tecnologia de Santa Catarina 2018. Florianópolis: Acate, 2018. Disponível em: <https://www.acate.com.br/observatorio>. Acesso em: 05 nov. 2019.

BLAGOEV, B; COSTAS, J; KÄRREMAN, D. 'We are all herd animals': Community and organizationality in coworking spaces. *Organization*, [s.l.], v. 26, n. 6, p.894-916, 31 jan. 2019. <http://dx.doi.org/10.1177/1350508418821008>.

BROWN, J. Curating the "Third Place"? Coworking and the mediation of creativity. *Geoforum*, [s.l.], v. 82, p.112-126, jun. 2017. <http://dx.doi.org/10.1016/j.geoforum.2017.04.006>.

CAPDEVILA, I. Joining a collaborative space: is it really a better place to work? *Journal Of Business Strategy*, [s.l.], v. 40, n. 2, p.14-21, 15 abr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1108/jbs-09-2017-0140>.

CAPDEVILA, I. Knowing communities and the innovative capacity of cities. *City, Culture And Society*, [s.l.], v. 13, p.8-12, jun. 2017. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ccs.2017.05.003>.

CAPDEVILA, I. Knowledge Dynamics in Localized Communities: Coworking Spaces as Microclusters. *Ssrn Electronic Journal*, [s.l.], p.1-18, 2013. <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2414121>.

CORRÊA, R L. Corporação, Práticas Espaciais e Gestão do Território. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 54, n. 3, p. 115-122, jul/set, 1992. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/aigeo/article/view/5934>. Acesso em 06 dez. 2019.

COWORKING BRASIL. Censo Coworking Brasil 2018. 2018. Disponível em: <https://coworkingbrasil.org/censo/2018/>. Acesso em: 08 nov. 2019.

DESKMAG. 2019 Coworking Forecast. 2019. Disponível em: <https://www.dropbox.com/s/jjor71mecwqbxdy/2019%20Complete%20Coworking%20Forecast.pdf?dl=0>. Acesso em: 08 nov. 2019.

ENDEAVOR Brasil. Índices de Cidades Empreendedoras 2017. Disponível em: <http://info.endeavor.org.br/ice2017/>. Acesso em: 08 nov. 2019.

FELDMAN, M P; AUDRETSCH, D B. Innovation in cities. *European Economic Review*, [s.l.], v. 43, n. 2, p.409-429, fev. 1999. [http://dx.doi.org/10.1016/s0014-2921\(98\)00047-6](http://dx.doi.org/10.1016/s0014-2921(98)00047-6).

FLORIDA, R. Cities and the Creative Class. *City And Community*, [s.l.], v. 2, n. 1, p.3-19, mar. 2003. <http://dx.doi.org/10.1111/1540-6040.00034>.

FLORIDA, R. *The Rise of The Creative Class (revisited)*. Nova York: Basic Books, 2014.

GANDINI, A. The Rise of coworking spaces: A literature review. *Ephemera theory & politics in organization*, [s.l.], v. 15, p. 193-205. 2015. Disponível em: <http://www.ephemerajournal.org/sites/default/files/pdfs/contribution/15-1gandini.pdf>. Acesso em: 05 nov 2019.

GARRETT, L E; SPREITZER, G M; BACEVICE, P. Co-constructing a Sense of Community at Work: The Emergence of Community in Coworking Spaces. *Academy Of Management Proceedings*, [s.l.], v. 2014, n. 1, p.14004-14010, jan. 2014. <http://dx.doi.org/10.5465/ambpp.2014.139>.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE Cidades@. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 28 nov. 2019.

JAMAL, A C. Coworking spaces in mid-sized cities: A partner in downtown economic development. *Environment And Planning A: Economy and Space*, [s.l.], v. 50, n. 4, p.773-788, 26 fev. 2018. <http://dx.doi.org/10.1177/0308518x18760857>.

MERKEL, J. Coworking in the City. *Ephemera theory & politics in organization*, [s.l.], v. 15, p. 121-139. 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/284545722_Merkel_Janet_2015_'Co_working_in_the_City'_ephemera_theory_politics_in_organization_151_121-139. Acesso em: 05 nov 2019.

MERKEL, J. 'Freelance isn't free.' Co-working as a critical urban practice to cope with informality in creative labour markets. *Urban Studies*, [s.l.], v. 56, n. 3, p.526-547, 11 set. 2018. <http://dx.doi.org/10.1177/0042098018782374>.

MORISSET, B. Building new places in the creative economy: The rise of coworking spaces. 2nd Geography of Innovation Conference, Utrecht: Utrecht University, 2014. p. 1 - 24. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00914075/document>. Acesso em: 05 nov. 2019.

NEWSWEEK. The Ten Most Dynamic Cities. 07/02/2006. Disponível em: <https://www.newsweek.com/ten-most-dynamic-cities-112629>. Acesso em: 08 out. 19.

PARRINO, L. Coworking: assessing the role of proximity in knowledge exchange. *Knowledge Management Research & Practice*, [s.l.], v. 13, n. 3, p.261-271, ago. 2015. <http://dx.doi.org/10.1057/kmrp.2013.47>.

SCOTT, A J. Beyond the Creative City: Cognitive–Cultural Capitalism and the New Urbanism. *Regional Studies*, [s.l.], v. 48, n. 4, p.565-578, 17 mar. 2014. <http://dx.doi.org/10.1080/00343404.2014.891010>.

SOUZA, M L. Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-Espacial. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2013.

SPINUZZI, C. Working Alone Together. *Journal Of Business And Technical Communication*, [s.l.], v. 26, n. 4, p.399-441, 30 maio 2012. <http://dx.doi.org/10.1177/1050651912444070>.

TEIXEIRA, C.; PIRES JUNIOR, P R.; MATOS, G P (org.) Habitats de Inovação de Florianópolis: Os ambientes que transformam o ecossistema de inovação e empreendedorismo. São Paulo: Perse, 2018. v. 2. Disponível em: <http://via.ufsc.br/download-ebook-habitats-de-inovacao-de-floripa-v2/>. Acesso em: 05 nov. 2019.

UNESCO. Creative Cities Network. Disponível em: <https://en.unesco.org/creative-cities/>. Acesso em: 05 nov. 2019.

VINODRAI, T.; GERTLER, M S. Creativity, Culture and Innovation in the Knowledge-based Economy: Opportunities and Challenges for Ontario. 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/3650968/Creativity_Culture_and_Innovation_in_the_Knowledge-based_Economy?source=swp_share. Acesso em: 05 dez. 2019.

Recebido: 13 jul. 2020.

Aprovado: 23 ago. 2020.

DOI: 10.3895/rbpd.v9n4.13001

Como citar: COSTA, E. S.; DIAS, V. L. N. Os espaços de coworking e suas implicações na dinâmica urbana: estudo de caso de Florianópolis. **R. bras. Planej. Desenv.** Curitiba, v. 9, n. 4, p. 527-546, Edição Especial V Seminário Nacional de Planejamento e Desenvolvimento, out. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.utfr.edu.br/rbpd>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Emmanuel dos Santos Costa

Av. Me. Benvenuta, 2007 - Itacorubi, Florianópolis - SC

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

